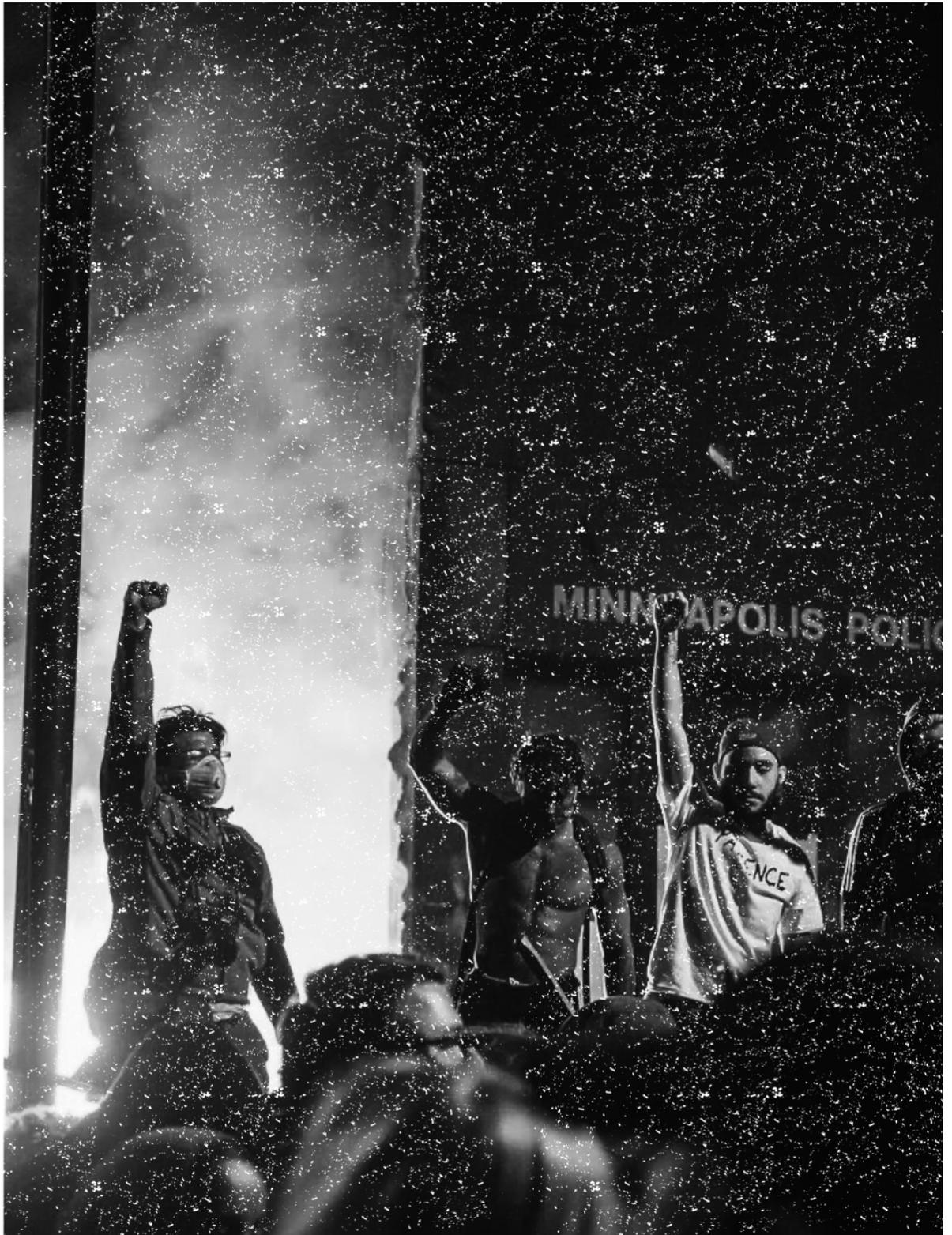


ANTI-FASCISMO NEGRO



Entrevista com JoNina Abron-Ervin & Lorenzo Kom'boa Ervin + texto de William Anderson e Zoé Samudzi



Este texto está disponível em grupolalibertaria.org
Incitamos à pirataria, odiamos a propriedade.

LA LIBERTARIA

Antifascismo Negro: Uma Conversa

JoNina Abron-Ervin & Lorenzo Kom'boa Ervin

Este texto é uma conversa entre o editor da True Leap Press, Casey, Lorenzo Ervin¹ e JoNina AbronErvin², que ocorreu em 17 de Outubro de 2018 na cidade de Chicago, nos EUA. No que segue, Lorenzo e JoNina discutem o atual movimento antifascista, suas limitações e como ele poderia evoluir para desafiar mais explicitamente o estado carcerário, a supremacia branca e a exploração capitalista.

Casey (C): Obrigado por tirarem um tempo para sentar e conversar. Há muito interesse nos círculos ativistas locais em torno da ideia de um movimento antifascista comunitário e de base. Particularmente nos espaços da comunidade negra que vocês dois compartilharam suas histórias e conselhos durante a estadia na cidade na semana passada.

Para começar esta conversa, talvez um de vocês pudesse explicar o que exatamente é o fascismo? Como o conceito de "fascismo" é (mal)entendido por muitos autoproclamados esquerdistas e radicais hoje?

Lorenzo Kom'boa Ervin (L): As pessoas respondem ao fascismo de várias maneiras diferentes. Uma maneira é dizer que o fascismo é um movimento antidemocrático, revolucionário e de massa. Você tem essas forças antidemocráticas que estão nas ruas, muitas das quais são paramilitares. Então há outro tipo de definição: a criação de uma nova forma de governança autoritária, dirigida por corporações, ou corporações unidas com o Estado. Esta é a ideia toda do "Estado corporativo". A definição que o próprio Mussolini deu estava na verdade se referindo a um sindicalismo fascista — a ideia de unir os

1 Lorenzo Kom'boa Ervin é anarquista, escritor, militante comunitário e ex-prisioneiro político que se desenvolveu através do SNCC e do Partido dos Panteras Negras nos anos 1960. Entre outras obras, ele é autor do livro "Anarchism and the Black Revolution", que introduz os princípios do anarquismo de luta de classes e discute sua relevância para a luta pela libertação negra.

2 JoNina Abron-Ervin é anarquista, jornalista, educadora aposentada e ex-membro do sessão de Detroit do Partido dos Panteras Negras. Como escritora, professora e organizadora, ela ajudou a organizar inúmeras lutas ao longo de décadas, incluindo o movimento antiapartheid e campanhas contra o terror policial. Ela é autora do livro "Driven by Movement: Activists of the Black Power Era".

trabalhadores com as corporações e sob o controle dos donos das corporações. Mas então há a questão de todo poder ao Estado, e a ideia do líder (por exemplo, o "Führer" na Alemanha, ou "Il Duce" na Itália). Isso também faz parte. Não existe uma definição única. Na verdade, depende do país. Uma é a forma de governança que já está em vigor; a ideia de que um líder ditatorial pode assumir um país que anteriormente era um regime dito democrático. Estamos também falando sobre a forma econômica do fascismo. Então, temos vários aspectos diferentes do fascismo que não se prestam a uma definição universal. Muitas vezes as pessoas apontam para aspectos do fascismo como hiper-nacionalismo, ditadura e liderança do partido, corporativismo ou racismo. Bem, o fato é que muitos países têm essas características e eles não são regimes fascistas. Todo regime autoritário não é um regime fascista. De fato, isso se relaciona com a forma de estado e a estrutura econômica. É por isso que eu disse que estamos falando de um novo tipo de governança autoritária gerida por corporações. Isso é o que precisamos entender na América. Que isso não é a mesma coisa que vimos na Itália. É uma nova forma. Os fascistas foram eleitos. Os fascistas e criptofascistas foram eleitos. E o governo que temos agora é na verdade uma Frente Unida de diferentes tendências fascistas. O Partido do Chá, a Direita Cristã, os vários outros grupos dentro do Partido Republicano e fora do Partido Republicano, junto com elementos que estão em Wall Street financiando-os. Assim, o fascismo é um processo complicado e torturado de definição. Mas sabemos o que não é. Não é apenas um bando de arruaceiros de rua sozinhos que não têm poder político. E que de alguma forma eles são o elemento mais perigoso que produz o fascismo. Isso é o que cativou a Esquerda neste momento. A ideia toda de combater tendências de direita nas ruas. Esses "antifascistas" estão confusos. Mas não só estão confusos, eles estão sendo liderados por um tipo de romantismo e esquerdismo infantil que os impede de serem eficazes. Há tipos realmente perigosos de fascismo que o Estado é capaz de fazer. É o Estado que temos que temer. Seja liderado por Donald Trump ou quem quer que seja. O Estado tem feito coisas para garantir que, quando o ditador chegasse aqui, como a solução final, ele teria facilidade em entrar e fazer o que precisa fazer. Desse ponto de vista, eu acho que o fascismo tem diferentes tipos de

definições envoltas em uma só, mas também diferentes tipos de contradições. É por isso que é tão elusivo. Uma coisa que podemos dizer, com certeza, é que ele vem do Estado e do capital, não vem de arruaceiros de rua. Estamos falando aqui de uma espécie de vanguarda versus vanguardismo, que nada tem a ver com a luta contra o fascismo, na verdade. Ou lutar contra o racismo, nesse caso. Eles não estão tentando acabar com a supremacia branca. Eles estão tentando se apresentar em contraste com certas forças, sabe. Essas forças são supostamente as malignas e, portanto, os radicais brancos podem se projetar como os "brancos bons", versus os "brancos maus", ou os perigosos, traiçoeiros. Algo assim. Você sabe. É apenas... fantasioso. Não faz nada sobre o racismo. De forma alguma. Não protege as pessoas de cor. Ou comunidades de cor. Não faz nada disso.

C: Como seria um movimento antifascista comunitário?

JoNina Abron-Ervin (J): Bem, se vai ser baseado na comunidade, tem que lidar com o impacto do autoritarismo do Estado na vida cotidiana das pessoas. Não pode se centrar apenas em sair em um dia específico para contramanifestar contra os neonazistas ou o Klan. Não estou dizendo que isso não é importante. É uma coisa importante a se fazer. Mas isso é apenas uma espécie de coisa episódica e baseada em eventos. Você tem que ter um programa contínuo para lidar com o impacto desse tipo de controle autoritário sobre a vida das pessoas, e em termos de terror policial e repressão do Estado. Até mesmo temos que olhar para as questões que têm a ver com a sobrevivência diária das pessoas; a capacidade delas de terem um lugar para viver, a capacidade de comprar comida — o que chamamos de "questões de sobrevivência". Por exemplo, ainda não começou de uma maneira realmente importante, mas elementos do regime neofascista de Trump já disseram que querem eliminar a seguridade social. Ok, agora, muitas pessoas vão dizer "seguridade social? Isso não tem nada a ver com fascismo!" Bem, se o Estado impede as pessoas de terem renda, de se sustentarem, para sua moradia, para sua comida, roupas e outras coisas, isso é definitivamente uma forma de terror do Estado. As pessoas têm que sobreviver dia após dia. Então, se você vai construir um movimento

baseado na comunidade, você vai ter que ter um movimento que lide com questões de sobrevivência do dia a dia. Todo mundo tem que ter um lugar para viver, comida, roupa e abrigo. E se você não está lidando com essas questões, então não vai ser baseado na comunidade. Porque para as pessoas na comunidade essas são as coisas com as quais elas podem se relacionar. Não é tão isolado quanto sair para confrontar o Klan em uma manifestação ou protesto. Você está falando das coisas cotidianas de que as pessoas precisam para sobreviver. O ponto que estou fazendo é que os movimentos baseados na comunidade tem que lidar com as necessidades materiais concretas do dia a dia das pessoas, e tem que se organizar em torno dessas necessidades.

L: E temos que entender que o fascismo é de longa data. Não é apenas chegar em um certo momento e está aqui. Houve uma crise de longo prazo que o regime fascista trouxe. Posso mencionar o encarceramento em massa: milhões de pessoas já estão em campos de concentração. Essa coisa de "bem, ele vai construir campos de concentração..." Ele não precisa! Ele já tem o maior estabelecimento prisional do mundo, criado por administrações americanas anteriores. Seja a chamada administração liberal de Obama ou a administração que temos agora. Foi uma criação de longa data. Da "guerra às drogas", que por si só foi um programa projetado para criar o militarismo policial e o encarceramento em massa, até os assassinatos policiais. Todos os assassinatos policiais. Esses são o resultado de programas que o governo criou para produzir uma sensação de crise. É também guerra química. Drogas, como arma de guerra química, e a capacidade da polícia de vir e supostamente suprimi-la. Chutando as portas das pessoas no meio da noite. Atirando em pessoas na rua. Todas essas coisas foram possibilitadas por um regime fascista que está surgindo. Temos que lutar contra o governo. É o governo que é o arqui-inimigo e o propagador do fascismo. Se não entendermos isso e pensarmos que o inimigo real são alguns arruaceiros de terno de três peças ou camisas polo e afins, se pensarmos que eles são o inimigo ou os verdadeiros a serem temidos, estamos indo na direção errada. Não há dúvida de que eles podem ser usados em um estágio posterior por um Trump ou quem quer que seja o presidente. Quem quer que seja o chefe do chamado

Partido será capaz de usar essas forças. Mas nesta fase, precisamos entender quem é o verdadeiro inimigo e precisamos de uma forma de lutar contra as condições que eles estão impondo ao povo. Precisamos de um movimento de resistência. Precisamos de um movimento baseado em pessoas comuns, não nessas pessoas que se consideram algum tipo de elemento de vanguarda. Eu rejeito o vanguardismo deste tipo ou de qualquer tipo. E acho necessário construir um movimento antifascista mais amplo, para que esse movimento possa atender às necessidades do povo; um movimento de um novo tipo. Se alguém vai estar armado, e esse momento está se aproximando rapidamente também, seriam as pessoas em geral, em oposição a algum tipo de tendência de vanguarda ou alguma tendência hiper-macho que está saindo e lutando na rua, sabe.... soco anti-nazista ou algo assim [risadas]. Precisamos de mais do que isso.

C: Lorenzo, você usa o termo "Plantation Progressista" para descrever a natureza contrarrevolucionária do atual movimento progressista dominado por brancos na América do Norte. Por que é tão importante entender como esse regime opera? Por que é tão importante expô-lo?

L: Eu uso o termo para desmistificar e deslegitimar a Esquerda branca, que realmente só está preocupada com suas próprias questões. Ela não está preocupada com os assassinatos pela polícia, de negros e outras pessoas de cor. Eles não têm liderado nenhum movimento sobre isso e realmente não têm se unido a nenhum movimento em torno disso. Falamos sobre o encarceramento em massa. O grande número de pessoas negras e outras pessoas de cor que estão entrando no sistema prisional. Ainda não houve um movimento de massa contra o encarceramento direcionado de pessoas negras e outras pessoas de cor. Falamos sobre todos os tipos de outros ataques às nossas comunidades, seja a privação consciente dos recursos necessários para nossas comunidades sobreviverem.

Pobreza, em outras palavras. Pobreza imposta pela austeridade. Essas pessoas também não combatem isso. Estão estritamente preocupadas com os ataques machistas uns contra os outros. Atacar um nazista, socá-lo no rosto. Soco surpresa [risadas]. É tudo com o que se

preocupam. É infantil. E eu até acho que é ineficaz de qualquer maneira. Mas é apenas um reflexo da fraqueza e da escassez de uma compreensão ideológica do inimigo. Você sabe, eles realmente estão apenas fixados na confrontação física. Nenhum de nós está dizendo que isso não é importante, mas que não pode ser a totalidade do seu programa. Você tem que conseguir se relacionar com as pessoas oprimidas. Negros e outras pessoas de cor que são pessoas oprimidas. No máximo, você poderia dizer que a classe trabalhadora branca é um povo explorado. Há uma diferença. Este país foi baseado na escravidão e baseado no genocídio e terror que permitiu aos brancos construir os Estados Unidos da América. Os roubos de terras dos povos indígenas e, mais tarde, dos povos Mexicanos. Tudo isso contribuiu para construir este império imperial. Se você não está fixado em objetivos anti-imperialistas, então você é claramente apenas uma tendência passageira; um movimento liderado por brancos para satisfação do ego ou algo assim.

J: Dentro da Esquerda branca, nos Estados Unidos de qualquer maneira, há um certo nível de paternalismo. Alguns na esquerda branca — não estou dizendo todos, mas alguns — têm uma atitude paternalista, como se tivessem que entrar e salvar as pessoas de cor. Para alguns é meio que uma atitude tipo missionária. E novamente, quero deixar claro que não estou dizendo que é verdade para todos os radicais brancos. Mas eu vi esse tipo de atitude em um bom número deles. Como se as pessoas de cor elas mesmas não tivessem a força ou a capacidade e o conhecimento para poder organizar e lutar por si mesmas. Sempre será importante para os povos oprimidos ter autonomia e independência. Trabalhamos com radicais brancos ou outros brancos progressistas de esquerda talvez, mas povos de cor que são oprimidos, temos o direito de nos organizar, de controlar nossas próprias lutas e nossa própria libertação. Não precisamos de pessoas para entrar e meio que nos dizer como fazer, e o que fazer. Nós sabemos o que precisa ser feito. Podemos precisar da sua ajuda com recursos e coisas. Mas nós estamos, em qualquer nível, experienciando essas questões todos os dias. Então, há essa parte: essa espécie de parte paternalista por parte de alguns radicais brancos. O outro problema é que o que realmente tem faltado

nos últimos anos é a falta de esforço e seriedade da maioria dos radicais brancos em termos de lidar com o racismo e a supremacia branca dentro da classe trabalhadora branca. Quem vai organizar a classe trabalhadora branca? Para transformá-los em revolucionários. Claramente, como pessoas de cor isso não é nossa responsabilidade. Não podemos fazer isso. Estamos muito ocupados lidando com as coisas em nossas próprias comunidades. É finalmente a responsabilidade primária dos brancos que dizem ser forças revolucionárias entrar e começar a transformar a classe trabalhadora branca. No entanto, muitos radicais brancos são relutantes em fazer isso. Eles só querem que seu trabalho seja centrado entre os povos de cor. E essa é uma grande parte do problema; por que não fizemos o tipo de progresso que deveríamos estar fazendo neste país. Porque ninguém, em um nível sério, de uma maneira realmente intensa, está realmente tentando revolucionar a classe trabalhadora branca na América. E a menos que façamos isso, vamos finalmente falhar. Não vamos conseguir transformar esta sociedade da maneira que ela precisa ser transformada.

L: Estamos falando de uma espécie de falta de consciência real não só sobre o racismo, mas sobre as fundações neste país e sobre como este sistema realmente funciona. Eu sempre disse e tentei fazer as pessoas entenderem que este é uma república branca que foi criada a partir do trabalho escravo — as condições da escravidão como um pedestal para a criação do capitalismo americano. E a maioria dos chamados radicais brancos denunciam isso. Embora isso não venha de mim, isso vem de Marx! [risadas] Isso vem do próprio Karl Marx. É bem interessante. Esse tipo de pensamento, de não entender como este país foi criado e como ele realmente funciona, significa que o movimento sempre cometerá esses tipos de erros ideológicos, onde eles veem as coisas de uma perspectiva branca pequeno-burguesa. Isso sempre acontecerá até que eles entendam o que realmente aconteceu. Quero dizer, as pessoas estão sendo mortas neste país. Pessoas estão sendo torturadas na prisão. E tudo o que eles podem nos dizer é sobre algum nazista na rua. Nazistas têm que ser parados, sim. ***Mas precisamos entender que a maior ameaça do fascismo é o poder do Estado.*** O fascismo é um sistema capitalista decadente. E se entendermos isso, entenderemos que

essas pessoas nas ruas ainda não estão ligadas a isso, mas são criações disso. É por isso que Trump foi e é capaz de usá-los — usar sua miséria, usar seu desemprego, usar seu racismo. E se não entendermos isso, não podemos derrotá-los ideologicamente. Temos que combater o próprio governo. O Estado fascista.

C: Quais são alguns dos primeiros passos que você gostaria de ver organizadores em comunidades Negras, Marrons e Indígenas oprimidas tomar no processo de construção de um movimento antifascista de massa hoje? Quais são alguns passos que nós, como leitores e aprendizes, podemos tomar para alcançar o tipo de movimento que você está imaginando?

L: Bem, na verdade, as pessoas estão se organizando agora. Não é como se não estivessem. Embora eu tenha algumas diferenças de opinião com grupos do tipo Black Lives Matter, o fato de eles terem vindo à existência e terem se organizado durante este período é importante. Mas eles precisam levar isso a outro nível. Estamos dizendo que organizadores e ativistas têm que repensar taticamente e entender que a organização comunitária onde educam politicamente as pessoas em suas comunidades é a chave. Estamos dizendo às pessoas que já estão fazendo esse trabalho para adotar uma abordagem diferente e pensar neste sistema em termos de fascismo. Pegue por exemplo os assassinatos policiais. Assassinatos policiais são de fato fascismo. Especialmente quando são assassinatos policiais sistemáticos, onde tivemos essencialmente centenas de milhares nas últimas décadas. Tivemos centenas de milhares de pessoas mortas. E mais mortos pelos Estados Unidos em conflitos militares no exterior. Então precisamos entender isso como sendo uma questão de confrontar o Estado. Este repensar é sobre isso. Estamos pedindo aos organizadores para começar a repensar. Entender que é hora de construir um nível mais amplo de organização. Não apenas nas ruas ou um protesto isolado. Mas alcançar as pessoas no nível diário e treiná-las, para que elas possam então ir e contar a outras pessoas e construir organizações em nível local. Pode ser apenas bloco por bloco. Nós não sabemos. Vimos essas coisas acontecerem no passado. Mas elas não foram vistas neste período.

Portanto, temos que adotar novas táticas. Essa é uma das coisas que eu diria. Outra coisa é unir esses movimentos, essas diferentes forças. Unir o movimento contra o terrorismo policial com o movimento contra o encarceramento em massa. Unir todos os tipos de forças, incluindo o que está acontecendo em comunidades particulares. Essas frentes vão diferir de região para região, cidade para cidade, mas quaisquer que sejam essas contradições, seja o que for que estejam organizando — até mesmo algumas igrejas que poderiam ser usadas! Você tem pregadores radicais, ou o que seja. Acho que isso é importante de enfatizar: a ideia de organizar-se com base na comunidade é alcançar massas de pessoas, que você pode educar e trazer para a luta. Se você tem no seu movimento inteiro 5.000 pessoas, bem, então o objetivo é trazer 50.000. E ter esses números e sair na comunidade e educá-los politicamente. Então, é isso que precisamos fazer. Precisamos aumentar nosso nível de organização e compreensão também. E precisamos aprender com movimentos passados como o Partido dos Panteras Negras. Eles praticaram e criaram um movimento inteiro de antifascismo Negro — ou antifascismo liderado por negros. As condições atuais e a pobreza das massas de pessoas nos exigem organizar um movimento por alimentação e moradia, movimentos contra o encarceramento e, dentro das comunidades onde tantos vão para a prisão, criar programas para reuni-los, oferecer transporte e assim por diante. Estes são os tipos de programas que precisamos pensar neste período. Mas em uma escala mais ampla. Até acho que precisamos pensar em um movimento de sobrevivência para o povo pobre. Ou uma "economia de sobrevivência", se você quiser chamar assim. Isso é algo que o camarada George Jackson fala em *Sangue nos Meus Olhos* (1971). Ele falou sobre construir esses tipos de ambientes dentro de uma cidade que poderiam alimentar pessoas, e educá-las politicamente, etc. Ele estava, é claro, baseando isso na história do Partido dos Panteras Negras, e ele viu isso como uma coisa de longo prazo. A criação de uma economia de resistência e um movimento de resistência que não era apenas autodefesa armada, mas sobre alimentar as pessoas, moradia, roupas, você sabe. Aquelas coisas que mantêm as pessoas seguindo em frente, bem como seus próprios organizadores.

J: É uma das coisas que realmente tem que ser feita, especialmente agora, é que temos que lutar contra essa noção toda de que podemos usar a política eleitoral. Se vamos construir organizadores revolucionários, criar as condições para a organização comunitária revolucionária, vamos ter que rejeitar essa noção toda. E essa vai ser uma grande batalha.

L: Isso mesmo.

J: Muitas pessoas vão estar dizendo "você tem que votar". Bem, você não tem que votar se as pessoas que estão concorrendo a cargos não vão mudar as condições na sua comunidade. Por que você tem que votar nelas? Você não tem que votar nelas. Você poderia fazer a sua comunidade ter suas próprias eleições comunitárias, onde você escolhe pessoas dentro da sua própria comunidade fora do Partido Democrata ou Republicano para serem responsáveis perante o povo, para lidar com os problemas na sua comunidade. Eu vejo isso como uma coisa realmente chave. Há foco demais em política eleitoral agora. Até que superemos isso, não vamos ter sucesso.

L: Precisamos criar alternativas. Precisamos criar assembleias populares que sejam independentes e autônomas de todo esse lixo. E fazendo isso podemos alcançar pessoas e educar, organizar e colocá-las em oposição ao governo, ao Estado. Devemos estar lutando por poder dual. Precisamos construir um movimento de massa para libertar prisioneiros políticos, acabar com o encarceramento em massa, especialmente entre as comunidades de cor. Precisamos combater a violência do Estado de policiais e vigilantes, lutar contra a austeridade e a pobreza imposta pelo governo. Precisamos derrotar fascistas nas ruas e no governo e nas suítes corporativas. Iniciar campanhas de sobrevivência que comecem a construir uma nova economia para suavizar o golpe do colapso deste sistema, que está chegando. Também precisamos construir uma milícia de partidários/trabalhadores negros. Não estou dizendo que será feito amanhã ou que deveria ser feito amanhã, mas precisamos estar fazendo essas coisas se vamos passar da opressão para a libertação. Acho que a principal coisa que podemos dizer é que temos que construir um

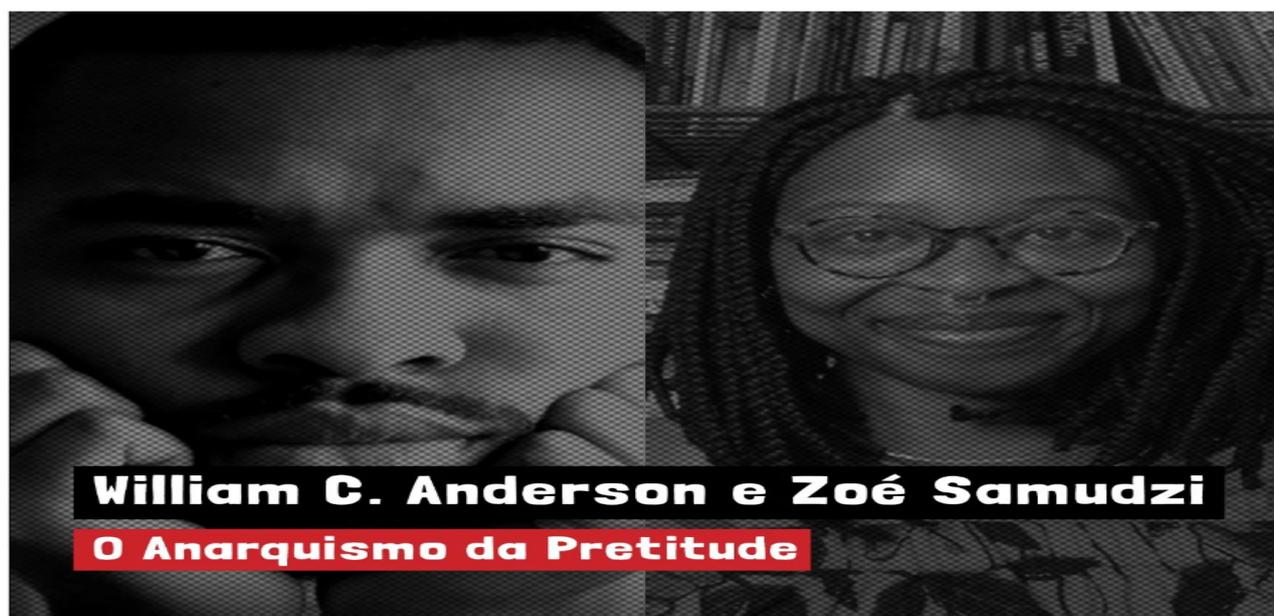
movimento antifascista que seja um movimento lutando por revolução — por revolução social. Se não estiver pronto para fazer isso, então é apenas uma organização defensiva, que será derrotada a seu tempo.

*Traduzido por La Libertaria
@grupolalibertaria*

“NENHUMA PESSOA É VERDADEIRAMENTE LIVRE ATÉ QUE ELA POSSA DETERMINAR O SEU PRÓPRIO DESTINO. O NOSSO É UM ESTADO CATIVO DE OPRESSÃO COLONIAL QUE PRECISA SER DERRUBADO, NÃO APENAS ESMAGANDO O RACISMO IDEOLÓGICO OU A NEGAÇÃO DE DIREITOS CIVIS. NÓS PRECISAMOS DESTRUIR A DINÂMICA SOCIAL DE UMA EXISTÊNCIA BEM REAL DOS EUA SEREM FORMADOS POR UMA NAÇÃO BRANCA OPRESSORA E UMA NAÇÃO PRETA OPRIMIDA.”

**LORENZO
KOM'BOA
ERVIN**





O Anarquismo da Pretitude³⁴

As presentes encarnações de uma extrema direita destemida e empoderada cada vez mais demanda a presença de uma verdadeira esquerda radical. Nos próximos meses e anos, as constituições de esquerda ou que tendem para a esquerda dos Estados Unidos terão que fazer nítidas distinções entre progresso potencialmente contraprodutivo e simbólico e progresso material real. O progressismo e partidos políticos falharam com a tentativa pública de ocasionar mudança verdadeira — mas existem soluções.

A luta pela libertação Preta, em particular, há muito tem provido uma base para as mudanças sociais transformativas dentro dos limites desse império e o tem feito graças ao seu posicionamento como uma formação social inerentemente radical — um produto da natureza virulenta e fundacional da antipretitude na sociedade estadunidense. Compreendendo o significado dessa luta, podemos seguir por análises do passado, presente e futuro para construir novos movimentos, uma

3 Título original The Anarchism of Blackness. Artigo publicado originalmente na ROAR Magazine, #5, na primavera de 2017.

4 Zoé Samudzi é uma anarquista, escritora e ativista zimbabuense-americana, conhecida por seu livro *As Black as Resistance*. Samudzi escreveu para as revistas *The New Inquiry*, *The Daily Beast* e *Vice*. Samudzi foi um 'Public Imagination Fellow' em 2017 no Yerba Buena Center for the Arts. William C Anderson é anarquista, escritor e ativista Americano conhecido por seu livro *the Nation on No Map: Black Anarchism and Abolition*.

esquerda forte e radical e um poder político que crie e inspire em vez de desapontar.

Os Fracassos do Progressismo Estadunidense

Os autoatribuídos traços democráticos dos Estados Unidos há muito têm sido filtrados através de formas opressivas as quais o estado insiste serem necessárias. A vida, liberdade e a busca pela felicidade são medidas pelo sucesso do sistema capitalista que realmente beneficia apenas uns poucos. Enquanto isso, a todo o resto é dito para acreditar que nossa suposta chance meritocrática de ser um desses poucos beneficiários é o que nos torna “livres”. Realmente, liberdade não filtrada e democracia profunda são muito revolucionárias para esse estado, então críticas radicais e revolucionárias de limitações sistêmicas são frequentemente rejeitadas como idealista demais ou como uma fantasia utópica. Mas é hoje, no meio do pesadelo da vida real que é o governo do Trump⁵, que nós deveríamos — mais do que nunca — estar sonhando e buscando conquistar algo melhor.

Durante muito tempo, o progressismo estadunidense tem sido um amargo desapontamento para muitos daqueles que, de alguma forma, mantiveram esperança na integridade democrática do sistema de dois partidos⁶. O Partido Democrata tem, aparentemente, sido a única possibilidade para aqueles que se consideram progressistas atuando por uma sociedade melhor, mas a noção de que as desigualdades sociais serão resolvidas através do processo eleitoral sempre foi ingênua, no mínimo. As entranhas desse sistema estão alinhadas com o fascismo da extrema direita, o qual está atualmente crescendo e tem borbuhlado sob a fachada da democracia progressista às custas de pessoas não brancas em uma sociedade supremacista branca. Um sistema predicado na sobre-ênfase de “ordem” e “segurança” está fadado ao autoritarismo.

Genocídio, escravização e outras formas de violência que o império inflige têm se tornado mais tépidas na sua franqueza desde o nascimento dessa nação. Com o tempo, a violência foi substituída e

5 Donald Trump foi presidente dos Estados Unidos de 2017 a 2021.

6 Nos Estados Unidos, apenas dois partidos disputam as eleições: o Partido Republicano, em teoria posicionado mais à direita, e o Partido Democrata, em teoria posicionado mais à esquerda e sujeito do progressismo o qual William Anderson e Zoé Samudzi criticam no artigo.

reestruturada por modalidades mais insidiosas e invisíveis de destruição comunitária. As reservas indígenas, o sistema carcerário e as políticas de austeridade são apenas algumas das formas de violência negociáveis que o progressismo tem facilitado com o tempo.

Nas últimas décadas, os Estados Unidos viram uma mudança nas políticas progressistas, deixando o Partido Democrata em uma posição completamente comprometedor. A emergência do Tea Party⁷, um surto populista no Partido Republicano, alienou o sistema Republicano mais “moderado” a favor de uma tomada articulada mais explicitamente intolerante. A falta de uma resposta real a esse momento permitiu ainda mais a guinada à direita enquanto um abalado sistema progressista apenas buscava e tentava negociações bipartidárias com os elementos mais extremistas que comandam o partido. Em vez de ir para a esquerda, o Partido Democrata se acomodou à alienada direita “moderada” como tem feito há anos e facilitou essa guinada conservadora em toda e qualquer oportunidade.

Ilusões do Bipartidarismo

O apoio progressista à Guerra do Iraque, à política doméstica pós-11 de setembro e às extensões da política externa da Guerra ao Terror deixaram nítida a posição do Partido Democrata. Para os “millennials” especialmente, nossa geração vem de uma época política assistindo desapontamentos perpétuos até o momento. Não existe uma esquerda verdadeira nos Estados Unidos porque o posicionamento do Partido Democrata é de uma oposição desolada contra a direita. A mensagem de que deveríamos nos encontrar no meio termo com os conservadores e trabalhar “nos dois lados do corredor” consolidou de forma confortável um gigante aparato de direita.

Parece apropriado que ao final da era Obama, veríamos uma presidência supremacista branca do Trump e que, imediatamente após um presidente Preto cuja equipe falava abertamente sobre diversidade e

⁷ O movimento Tea Party, ou Festa do Chá em português, foi um grupo que representava a ala mais radical do Partido Republicano, composto por pessoas ultraconservadoras e libertarianos. Não chegou a ser exatamente uma organização, mas um nome que representava princípios defendidos dentro do partido. Atualmente, o nome não é tão usado, pois, de forma geral, suas pautas foram incorporadas pela maior parte do Partido Republicano.

inclusão, veríamos um pico de envolvimento em grupos de ódio de direita. E durante a transição de governo e a primeira onda de legislações antagonísticas, não houve proteção nem constante nem sustentável sendo planejada pelo partido com propósito de defender o progresso. Essa calma se manifestou agora no governo Trump se enchendo até a borda do pior dos piores; a ausência de uma esquerda real deixou tantas populações vulneráveis expostas e à mercê de um tirano plutocrático determinado a destruir.

Depois de uma avalanche de assassinatos por policiais, crimes de ódio e incidentes domésticos de terrorismo, o país está cambaleando. O Estados Unidos Preto foi lembrado repetidamente que somos vistos como um grupo monolítico de crianças de mentes fracas a ser punido pelo estado pela nossa própria falta de direitos e desvantagens em termos da comunidade. Se não existe nada a ser oferecido que trate das reparações devidas ao Estados Unidos Preto nas diversas frentes, então deveríamos buscar garantir essas coisas nós mesmos através das nossas ações.

Políticas progressistas e o Partido Democrata simplesmente não estão funcionando para o povo Preto. A agenda do sistema progressista frequentemente não é uma que esteja alinhada com as necessidades cotidianas do Estados Unidos Preto. Apesar da visão de mudança e das promessas de um novo dia e das vitórias morais de “chegando no topo⁸”, um sol antigo está surgindo em um horizonte branco. Neste ponto, as pessoas Pretas e todas as pessoas de cor nos Estados Unidos terão que decidir entre garantir mudança real e barganhar com a intolerância por comprometimento.

A Pretitude e a Zona da Não Cidadania

O fascismo social descreve o processo e a lógica política da formação do estado onde populações inteiras são ou excluídas ou ejetadas do contrato social. Elas são excluídas pré-contratualmente porque nunca foram parte de um dado contrato social e nunca serão; ou são ejetadas de um contrato do qual nunca fizeram parte antes e são

8 Do original going high.

capazes apenas de gozar de uma inclusão condicional no melhor dos casos.

Estadunidenses Pretos são do primeiro tipo: são residentes de uma colônia interna predicada sobre o genocídio de povos indígenas e a escravização de Africanos dos quais são descendentes. Residentes nos Estados Unidos em vez de cidadãos dos. Apesar de uma Constituição carregada de valores Iluministas Europeus e um documento de independência declarando igualitarismo e direitos inalienáveis como o direito a terra, a existência Preta foi de uma propriedade privada. A condição dos Estados Unidos Preto é de relegação perpétua à vida pós-escravidão e enquanto os Estados Unidos continuar a existir como um projeto colonial contínuo, nessa vida o povo Preto continuará.

Como Hortense Spillers deixa nítido em seu trabalho seminal, “Mama’s Baby, Papa’s Maybe: An American Grammar Story⁹”, a Pretitude foi permanentemente marcada e transformada pelo comércio transatlântico de escravos. O colonialismo europeu e o subsequente processo de escravização de Africanos — ambos como uma instituição de maximização do lucro econômico e uma instituição sem humanidade — podem ser considerados como “grandes crimes contra a carne, já que os corpos de mulheres e homens Africanos registraram as feridas”.

Crimes contra a carne não são simplesmente crimes contra o corpo em si: mais que isso, a carne ferida, foi a personalidade e posicionamento social do Africano. O ferimento é o processo de escurecimento e necessariamente de subjugação, uma ferida da qual o povo Preto e a “Pretitude” nitidamente ainda estão por descobrir. A exclusão Preta do contrato social é a existência amplamente vigiada e o estado largamente regulado de submissão. Somos portadores do cobiçado passaporte azul ainda presos na zona de não cidadãos. Somos simultaneamente subjugados e provocados com promessas de libertação via automelhorias neoliberais individualizadas e goles a seco de um Sonho Americano há muito tempo azedado enquanto contemos dissonâncias e reconcilhamos, a força, duplas consciências irreconciliáveis.

9 Hortense Spillers é uma autora feminista Preta. O texto referenciado foi publicado em português em um livro com uma coleção de textos chamado Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio, publicado em 2021, pela n-1 Edições.

A branquitude há muito tem buscado brigar contra a ameaça existencial posta pela liberdade Preta. A repatriação dos Pretos para a África, ou “colonização”, há muito tempo tem sido ventilada como uma solução potencial. Fundada em 1816 e dirigida por uma variedade de motivações basicamente complementares, a American Colonization Society ajudou a fundar a colônia de Libéria¹⁰ em 1822. Os contingentes abolicionistas na sociedade acreditavam que por causa das discriminações imensuráveis a que pessoas Pretas nascidas livres e homens libertos e suas famílias experienciavam, as pessoas Pretas estariam bem melhores se organizando nas suas “terras natais” Africanas.

Donos de escravos na sociedade estadunidense estavam preocupados que a presença de Pretos livres inspirariam Pretos escravizados a se revoltar e, assim, comprometer a estabilidade (tanto estabilidade econômica como a estabilidade da ordem racial antipreto) da escravocracia, e outros membros abertamente racistas diretamente recusaram às pessoas Pretas a oportunidade de se integrar à sociedade dos Estados Unidos. Outros ainda se preocuparam que as famílias Pretas poderiam sobrecarregar os sistemas de assistência social e que a competição de trabalho entre raças poderia comprometer, ao final, os salários dos trabalhadores brancos.

Um proponente menos conhecido da colonização¹¹ foi o próprio “Grande Emancipador”, Abraham Lincoln, que considerou um planejamento bem menos conhecido e rapidamente abandonado de colonização Preta do Panamá — denunciado por Frederick Douglass como “ridículo” — o qual também teria um papel de expansão da influência comercial dos Estados Unidos no Caribe. O projeto “De Volta À África” foi em seguida abraçado por pensadores Pretos como Marcus Garvey no final do século XIX e início do século XX, seguindo os fracassos da Reconstrução¹² no sul, a primeira tentativa de realmente estender a cidadania a Pretos recentemente emancipados, a protegê-los da violência supremacista branca e também da desilusão de Pretos que

10 A República da Libéria é um país da África que foi colonizado por pessoas escravizadas libertas dos Estados Unidos que foram enviadas à região com a ajuda da American Colonization Society.

11 Aqui, William Anderson e Zoé Samudzi fazem referência como colonização à ideia de enviar pessoas Pretas libertas à África para colonizar as regiões, como foi feito com a Libéria.

12 Período da história dos Estados Unidos, de 1865 a 1877, após a Guerra Civil e teve como objetivo restaurar a unidade nacional após a divisão do país entre Estados que eram a favor e contra o fim da escravidão, tendo estes últimos formado os Estados Confederados da América.

havia migrado para os estados do Norte. Não é coincidência que o interesse na repatriação tenha tido um pico nesse período.

O grande problema com programas de repatriação, tanto histórica quanto contemporânea, é os meios pelos quais falham em prover tanto a reparação pela violência histórica como resposta à perene questão da cidadania Preta nos Estados Unidos. Muitos ou a maioria das pessoas Pretas, incluindo muitos descendentes de Africanos escravizados traficados do continente há séculos, não possuem o desejo de retornar para a África a qual nunca foi seu lar em qualquer forma material. Dados planejamentos de permanecer, as pessoas Pretas organizaram uma série de formas de realizar mudanças e efetivar diversos conceitos de libertação nos Estados Unidos. Mas como a história demonstrou, alguns veículos de mudança e melhoria política são mais instáveis que outros.

O Anarquismo da Pretitude

Acredite: progresso tem sido garantido pela mobilização do povo Preto em oposição a ser fruto de um único partido político. Nós somos aqueles que alcançaram muito do progresso que mudou a nação para melhor para todos. Essas conquistas não foram produto de nenhuma ilusão do excepcionalismo estadunidense ou da mescla cultural, mas sim através de sangue, suor e autodefesa comunitária. Nossa organização pode ser tão efetiva hoje como já foi no passado, servindo a cada localidade e comunidade baseado nas suas necessidades e determinações. Isso tudo pode ser atingido nos desassociando da política partidária que falhou a nos servir já que as liberdades Pretas não podem realmente ser asseguradas em nenhuma eleição. Nossa energia política é valiosa e não deve ser totalmente drenada por círculos políticos que se alimentam entre si bem como em nosso detrimento.

Enquanto amarrado às leis da terra, o Estados Unidos Preto pode ser compreendido como uma entidade extraestado por causa da exclusão Preta do contrato social progressista. Devido a essa locação extraestado, a Pretitude é, de muitas formas, anárquica. Africanos-americanos, enquanto uma identidade etnossocial composta de descendentes de Africanos escravizados, inovaram novas culturas e organizações sociais assim como o anarquismo nos requereria fazer por

fora das estruturas do Estado. Formações Pretas radicais são elas próprias fundamentalmente antifascistas mesmo funcionando fora dos espaços Antifas “convencionais” e o povo Preto tem se envolvido em resistências anárquicas desde a nossa exata chegada nas Américas.

Dos navios negreiros e revoltas nas plantations durante a escravidão ao trabalho pós-Emancipação e campos de concentração, à remoção de pessoas escravizadas da custódia de senhores de engenho por Harriet Tubman, à criação de sociedades quilombolas na América do Sul, ao combate da histórica (e presente) colusão entre a força da lei estatal e a Ku Klux Klan — asserções de personalidade, humanidade e libertação Pretas necessariamente colocaram em questão tanto as bases como a legitimidade do estado estadunidense.

Assim, dada essa história, por que nós compreendemos as formações políticas Pretas simplesmente como enraizadas no progressismo ou quase como sinônimos de apoio ao Partido Democrata? A realidade da vida pós-escravidão mostra que os termos atualizados da cidadania Preta ainda estão intrinsecamente ligados aos pecados originais cometidos contra nós desde o momento do início dessa nação. Nós não somos capazes de fugir de uma jaula que nunca foi removida, apesar da fantasia progressista fazer-lhe acreditar que nós teremos um sonho ou protesto de forma digna a partir de uma forma danosa.

A simples e cada vez mais percebida realidade é que protestos de massa, petições e os respeitáveis e superexaustivos métodos que os progressistas promovem como únicas soluções possuem um propósito, mas não param balas — é por isso que o Dr. King e muitos dos manifestantes “não violentos” de outrora higienizados favoritos deles carregavam armas para se defender.

Respondendo a Esse Movimento Neofascista

O progressismo não pode derrotar o fascismo, ele só pode lutar combatê-lo através de ladainha política simbólica. A banalidade da política eleitoral que foi superimposta à vida Preta nos Estados Unidos posiciona o povo Preto como uma mula indelével para grande parte do avanço social dessa nação. Nossa luta hipervisível é uma batalha pela liberdade de todas as pessoas e nós morremos apenas para perceber

que tudo que foi conquistado pode ser revertido com uma canetada. O progressismo branco aceita o fardo de proteger a “liberdade de expressão” e os direitos daqueles que aniquilariam todos as pessoas não brancas; pessoas Pretas e outras pessoas de cor assumem todos os riscos e perigos.

As batalhas simbólicas as quais o Partido Democrata e seus eleitores progressistas lutam impõem ameaças existenciais diretas às pessoas Pretas porque eles protegem ideias estimadas de uma constituição que nunca garantiu segurança e proteção às pessoas Pretas. Os acenos idealistas com os quais o liberalismo define a si próprio são feitos às custas do povo Preto que não é protegido por tais ideais da forma como a branquitude institucional e mesmo articulações da supremacia branca são protegidas.

Emendas da constituição são distorcidas baseadas no descaso histórico do estado em suportar um antagonismo ativo em relação à vida Preta. A Primeira Emenda tem sido repetidamente esmagada pela polícia militarizada trotando por bairros Pretos. A Segunda Emenda tem sido baleada por inúmeros fiscais do estado que assassinaram extrajudicialmente pessoas Pretas baseados simplesmente na suspeita de que talvez carregassem uma arma. A Décima Terceira Emenda legitimou a escravidão através do encarceramento em massa e estendeu a prática a uma nova forma de racionalização supremacista branca e uma antiga política de trabalho capitalista que ainda nos tortura até hoje. Esse momento fascista não é nem ideologicamente novo nem surpreendente temporalmente. É uma inevitabilidade.

A organização antifascista precisa ser corajosa. Os mecanismos atuando contra nós não consideram nossa humanidade: são hiperviolentos. Eles lidam com mortes e destruição a números incontáveis por todo o mundo não ocidental enquanto tornam bairros Pretos e Marrons¹³ em representantes de como tratar subcidadão como “outros”. A militarização da polícia, os regimes de fronteira, as duras da polícia e o ICE¹⁴ são exemplos nítidos de como o estado mira nas comunidades que alvejam e brutalizam. No mínimo, um debate sobre autodefesa que não confunda nossa sobrevivência como uma forma de

13 Marrom é uma classificação racial utilizada por algumas pessoas nos Estados Unidos para se referir à pessoas não brancas de pele mais clara, como pessoas de certos países da Ásia, e até mesmo algumas Latinas.

14 U.S. Immigration and Customs Enforcement (ICE), ou Departamento de Imigração e Alfândega, é reponsável por lidar com a imigração considerada ilegal de pessoas para os Estados Unidos.

violência é profundamente necessária. E seria ainda melhor se tal discussão normalizasse uma organização antifascista que preparasse as pessoas para a possibilidade de uma luta, em vez de simplesmente desejar que esse dia nunca chegue e ficar respeitosamente se agarrando a sábias pérolas contra aqueles que estão atualmente lutando nas ruas.

Todos possuem uma participação na luta contra o fascismo. Ele não pode ser derrotado através de negociação, petições, pleitos, diálogos “civilizados” e outras formas de resposta as quais nos foram ensinadas que era o melhor. Os fascistas não têm respeito pela humanidade do “outro”. Independente de idade, gênero, raça, sexualidade, religião, habilidade física ou nacionalidade, há um lugar para todos nós nessa batalha. Nós estamos sempre lutando contra as expectativas porque não há trégua em um estado perpetuamente abusivo. Ele só pode funcionar através desse abuso, então nós só podemos vencer através da organização enraizada no amor e solidariedade radicais.

O quanto antes o Estados Unidos Preto em particular começar a entender a nossa posição como um elemento naturalmente anarquista dos Estados Unidos, mais realisticamente nós seremos capazes de nos organizar. Movimentar-nos para além da nomenclatura errônea do caos, os elementos que nos tornam isso são exatamente as ferramentas que deveríamos usar para conquistar nossa libertação. Essa casa em chamas não pode ser reformada para nos incluir de forma apropriada, nem deveríamos querer ser parte de uma dolorosa morte sucumbindo nas chamas. Uma sociedade melhor precisa ser escrita através das nossas inalienáveis autodeterminações, e isso somente ocorrerá quando nós percebermos que estamos segurando a caneta.

***Tradução: Escurecendo o Anarquismo
@escurecendoanarquismo***



Leia, copie e difunda como quiser o material, seja livre. Essa zine foi editada por la libertaria, um grupo dedicado ao apoio as lutas locais e globais e ao estudo, difusão e investigação da anarquia e do pensamento anarquista.

Blog: grupolalibertaria.org

Contato: lalibertaria@riseup.net

